

Macedo volta a pedir por ajuste fiscal

Carlos Conde

Da Sucursal

Economia
Brasil

São Paulo — O professor Roberto Macedo, secretário de Política Econômica do Governo, usa uma imagem para mostrar sua preocupação com a crise política: "O Congresso parece um cinema de uma sala só: passa apenas um filme, a CPI". Ele gostaria que os deputados e senadores atuassem como no Cine Belas Artes, em São Paulo: várias salas de espetáculos exibindo simultaneamente diversos filmes.

Macedo fez essa queixa neste fim de semana, ao falar para alunos de Economia na USP, em palestra promovida pela Fipe (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas). Antes de iniciar a aula, o professor perguntou: "Tem alguém da imprensa aí?" Um jornalista do **CORREIO BRAZILIENSE** identificou-se. "Ah, então vou ter que mudar o disco..." Com a fisionomia preocupada, Macedo virou-se para um professor vizinho e comentou em voz baixa: "Nossa, logo de Brasília..."

O secretário de Política Econômica, mesmo cercado de toda cautela, admitiu que "o programa econômico do Governo corre sérios riscos". Também não escondeu que "a barganha política afeta o setor público" e que está faltando espaço para apresentar "filmes" como ajuste fiscal, modernização dos portos etc. "Hoje só há espaço para discutir a questão da CPI".

Sugerindo, claramente, que sua maleta continha todos os gráficos a reperito do assunto, Roberto Macedo preferiu não anunciar os próximos passos da política econômica, nem as previsões para a inflação.



Macedo: muitos problemas

Ele se consola, pelo menos, com a crença de que "o Brasil está numa situação econômica melhor do que um nosso vizinho, cujo nome eu não posso dizer para não causar problemas diplomáticos".

Desastre — Macedo promete chuvas e trovoadas: "O orçamento do ano que vem é uma coisa desastrosa e os governadores e prefeitos vão receber muito pouco do Fundo de Participação dos Estados, parte da redução dos recursos tributários. Muita gente não percebeu que a arrecadação tributária prevista para o ano que vem cai porque este ano está havendo antecipação de arrecadação. A hora que os governadores e prefeitos perceberem isso eu acredito que vão se mobilizar em torno de um ajuste fiscal". Ele define esse quadro de "extremamente complicado".

A situação inflacionária somente poderá ser revertida com o ajuste fiscal, garante o professor. Ele comenta o Imposto sobre Transações Financeiras, falando a respeito da possível evasão: "Isso depende do valor do imposto. Se for um imposto substitutivo de outros, como estão propondo, ficando no lugar de contribuição para a Previdência Social por parte do empregador, ele será um imposto pequeno, que não será único. Se

fosse imposto único teria que chegar a quatro por cento. Ai você corre o risco de haver desintermediação financeira. Por isso nós somos contrários a esse imposto único. Mas, como imposto substitutivo de outros, ele tem uma grande vantagem: alcançar o setor informal da economia, que é informal na produção e consumo, mas não sob o aspecto de transação financeira".

Roberto Macedo critica o sistema da Previdência, segundo o qual o Estado deve pagar um número de aposentados igual ao da população economicamente ativa: "Os aposentados liquidam o setor público".

Inflação — O secretário de Política Econômica afirma que a inflação não cai devido a fenômenos monetários. A devolução dos cruzados confiscados e a necessidade de dinheiro para criar reservas em dólar causaram grande emissão de moedas.

Outro fator, que pode ser culpado pela inflação, é a acomodação de preços depois do fim do tabelamento: "Ligavam padeiros todos os dias perguntando qual deveria ser o preço do pão. Ainda hoje temos que apreender tabelas com preços da Sunab. O pessoal acostuma com tudo tabelado: refrigerantes, pão etc".

Exibindo gráficos de inflação desde o Plano Cruzado, Macedo mostra que a inflação caiu, mas só se estabilizou com o Plano Collor. Motivo: a mudança nos mecanismos de financiamento das dívidas do Governo. A queda do déficit é apresentada com números. Quando o atual Governo assumiu as despesas com a folha de pagamento eram de dois bilhões de dólares. Hoje essa despesa caiu para a metade.

As empresas continuarão aguentando essa política recessiva? "Aguentam se você tiver uma saída na frente, que poderia acontecer com o ajuste fiscal. Se você não fizer o ajuste, em algum momento essa política não tem sustentação", prevê o secretário.